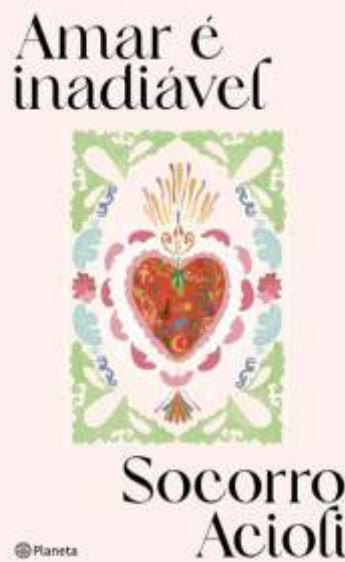


Socorro Acioli nasceu em Fortaleza no dia 24 de fevereiro de 1975 e aos 8 anos de idade já tinha o destino determinado escrevendo e publicando o seu primeiro livro, *O Pipoqueiro João*. Desde então, já são mais de 20 livros publicados entre romances, obras infantojuvenis e biografias. Entre seus maiores sucessos estão *A Cabeça do Santo* (ver roteiro cultural ano 3, nº 12) — que será enredo da Unidos da Tijuca em 2027 e terá uma adaptação cinematográfica —, *Oração para Desaparecer* (ver roteiro cultural ano 4, nº 19) e *Ela Tem Olhos de Céu*, obra pela qual venceu o Prêmio Jabuti em 2013. Em julho de 2026, publicou, pela editora Planeta, seu primeiro livro de crônicas, *Amar é inadiável*, o livro mais vendido no primeiro dia da Flip 2026 (Festa Literária de Paraty). A obra reúne mais de 60 textos publicados entre 2015 e 2022. O livro funciona como uma celebração dos 25 anos de carreira da autora, misturando o cotidiano, memórias de bastidores de seus romances e belas cartas de amor à literatura. *Gosto muito da Socorro Acioli porque ela não dá trabalho aos leitores. A gente lê seus romances como quem bebe água, uma jarra inteira. Agora ela comemora 25 anos de carreira e nos oferta mais de 60 crônicas cristalinas. Ainda literatura de primeira, mas em pequenos goles. Abra esse livro com sede.* - Martha Medeiros.

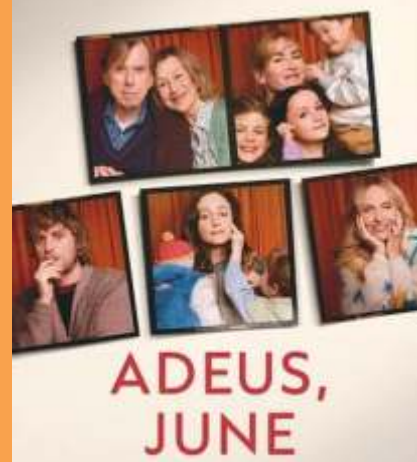


Além de toda a beleza do nosso Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), um ótimo motivo para visitá-lo é a exposição, de longa duração, *Entre o moderno e o contemporâneo: arte nas coleções do MAM Rio*. A mostra traça um caminho por movimentos artísticos e experimentações que marcaram a arte dos séculos 20 e 21, evidenciando como esses desenvolvimentos encontraram espaço e impulso no MAM Rio. Organizada de forma cronológica, estrutura-se em núcleos curatoriais em diálogo com categorias consolidadas pela historiografia tradicional da arte brasileira. Essa narrativa sequencial, entretanto, é desafiada por obras que escapam dos marcos temporais e por uma arquitetura que incentiva múltiplos percursos e interpretações transversais, ampliando as leituras sobre a arte e suas histórias. Ao longo da exposição, códigos QR apresentam textos e imagens das coleções documentais do museu, conectando as obras com momentos cruciais para a história da arte brasileira que aconteceram em torno do MAM Rio e apontando, assim, os processos que constroem significados e garantem relevância a obras e artistas. Entre as obras apresentadas estão marcos importantes, como *A japonesa* (1924) de Anita Malfatti ou *Urutu* (1928) de Tarsila do Amaral; trabalhos de Alfredo Volpi e Guignard associados aos desdobramentos do modernismo; pinturas de Iberê Camargo, Manabu Mabe e Tomie Ohtake ligadas às pesquisas abstratas informais do pós-guerra. MAM RIO – Av. Infante Dom Henrique, 85 – Aterro do Flamengo. Quartas, quintas, sextas, sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h. Aos domingos, das 10h às 11h, visita exclusiva para pessoas com deficiência intelectual. A entrada é gratuita. De 25 de julho de 2026 a julho de 2027.



Praia da Gávea – 1995. Óleo sobre tela de José Pancetti.

O drama britânico *Adeus June (Goodbye June)* marca a estreia da premiadíssima atriz Kate Winslet, conhecida, entre outros, por *Razão e Sensibilidade*, *Titanic* e *O Leitor*, o qual lhe deu o BAFTA e o Oscar de Melhor Atriz. Com roteiro escrito por seu filho, Joe Anders, e estrelado por Toni Collette, Johnny Flynn, Andrea Riseborough, Timothy Spall, Helen Mirren e a própria Winslet, o longa aborda temas como luto, reconciliação e amor. O enredo gira em torno da relação de quatro irmãos, diferentes e distantes, cujas vidas mudam ao terem que se reunir, juntamente ao pai, para passar o Natal com a mãe que está para morrer. O quarteto mergulha em caos diante da potencial perda da mãe, mas a perspicaz June (Helen Mirren) é quem dita as regras de sua partida, orquestrando seu fim a partir dos próprios termos, planejando tudo com seu humor ácido, sua honestidade sem papas na língua e muito amor. A premissa da obra foi inspirada na experiência pessoal de Winslet com a morte de sua mãe, em 2017. Disponível na Netflix.



Toda
Sábado?

Você sabia que o nosso sistema prisional permite que apenados possam reduzir suas penas por intermédio da leitura? Na década de 1980, foi implementada a Lei de Execução Penal, que exige que todos os presídios preparem ativamente os detentos para uma reintegração bem-sucedida à sociedade. Inicialmente, isso significava que os presos podiam reduzir suas penas de acordo com o número de dias trabalhados dentro da prisão. A Lei nº 12.433/2011 alterou o artigo 126 da Lei de Execução Penal (LEP), permitindo que o estudo — e não apenas o trabalho — reduzisse o tempo de prisão. Em 2025, o STJ fixou uma tese jurídica definitiva que impede juízes de negarem o direito de redução por leitura, desde que cumpridos os requisitos da resolução nº 391/2021 do CNJ. As regras gerais são: prazo de 21 a 30 dias para concluir a leitura; para cada livro, o preso tem o direito de reduzir 4 dias de sua pena, sendo o máximo 12 livros por ano, com uma redução máxima de 48 dias no total anual; o detento precisa apresentar uma resenha sobre a obra, que será avaliada por uma comissão designada pelo juiz da execução penal; o relatório ou resenha deve ser manuscrito pelo detento, com letras legíveis, sem emendas, rasuras ou borrões, com uma sinopse da obra, o desenvolvimento das ideias principais e uma conclusão pessoal sobre a leitura. A comissão avaliadora busca identificar plágio ou resenhas prontas, o que anula o direito à remição. A comissão avaliadora é formada por professores, pedagogos ou assistentes sociais, que corrigem a resenha e atribuem uma nota mínima para aprovação. O resultado vai para o Ministério Público e, finalmente, para o juiz da execução penal, que emite a redução de 4 dias na pena. As listas de títulos passam pelo aval de uma comissão de pedagogos, sendo proibido livros que façam apologia ao crime, às drogas, à violência ou ao ódio.



Leitura ajuda detentos na remissão de pena.